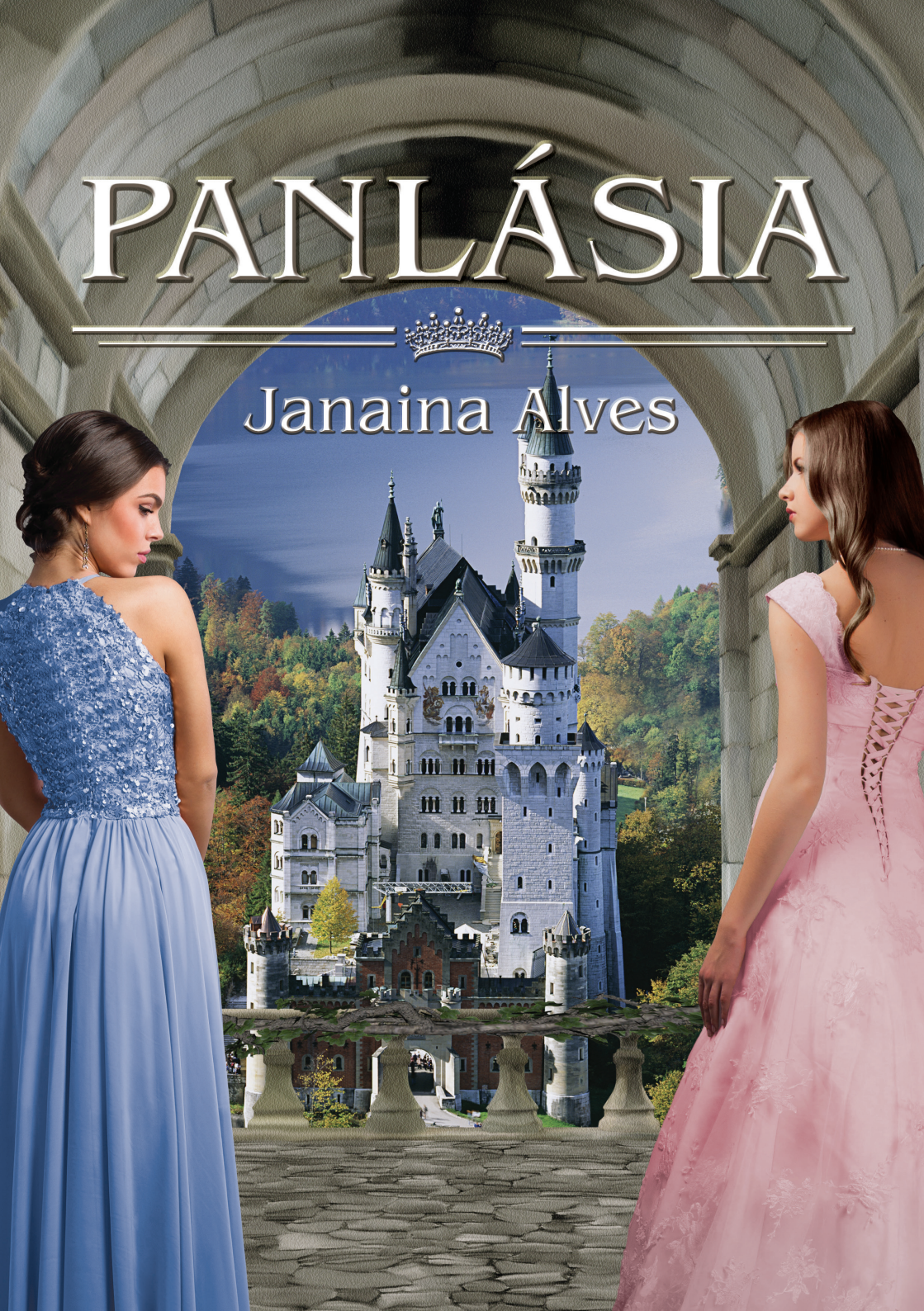
PANLÁSIA

Janaina Alves



PANLÁSIA

Janaina Alves

Copyright © Janaina Alves 2015

Nenhuma parte desse livro poderá ser reproduzida, armazenada ou transmitida, de qualquer forma, sem autorização por escrito da autora.

Esta é uma obra de ficção, produto da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, personagens, lugares ou qualquer acontecimento real é mera coincidência.

Copidesque
Ronize Aline

Capa
Janaina Alves

Fotos da Capa
KPG_Payless/Shutterstock.com
Nata Sdobnikova/Shutterstock.com
Ellerslie/Shutterstock.com
Lucky Business/Shutterstock.com
Unholy Vault Designs/Shutterstock.com

Diagramação
Janaina Alves

www.janainaalves.com.br

PRÓLOGO _____ **5**

PARTE 1
MUNDO DE ILUSÕES _____ **7**

PARTE 2
CONFRONTANDO A REALIDADE _____ **46**

PARTE 3
ENFRENTANDO SEU DESTINO _____ **145**

PARTE 4
RECOMEÇO _____ **187**

PARTE 5
DÍVIDAS DO PASSADO _____ **225**

PARTE 6
ESCOLHAS _____ **270**

EPÍLOGO _____ **310**

PRÓLOGO

Quando se tem uma vida aparentemente perfeita e provações aparecem em seu caminho, pode ser mais difícil e árduo enfrentá-las do que por quem já foi endurecido pela vida. Aprendi que, muitas vezes, o medo pode nos fazer querer desistir, querer esquecer tudo o que passou. Mas esquecer não é a forma correta de seguir em frente. Se você acredita no seu poder, isso pode lhe dar coragem. Você pode um dia ter o mundo aos seus pés e, no outro, descobrir que seu mundo é apenas uma ilusão. Quem outrora estava no topo, torna-se apenas mais um no meio da multidão. É nessa hora que você tem que provar, não para os outros, mas para si mesmo, que o medo pode se transformar em coragem, e o seu poder pode ser usado para mudar o mundo. Talvez, assim, o mundo que você sonhava existir possa ser realmente construído, contanto que você tenha coragem para ser esse estopim.

PARTE 1
MUNDO DE ILUSÕES

CAPÍTULO 1

O Palácio Real era um lugar realmente antigo. Fora construído muitos anos antes das guerras imperiais que designaram Panlásia como Cidade Mãe. Essa era uma época em que a paz ainda não reinava absoluta e as guerras consumiam cada parte de todas as Cidades que viriam a se tornar Irmãs. Por esse motivo, no Palácio Real existiam dezenas de túneis de fuga construídos para a proteção da família real. Cada um desses túneis levava a saídas ou salas secretas, tanto para proteção dentro do próprio Palácio como para confundir os inimigos que não conheciam os caminhos secretos. Atualmente, essas salas não eram mais usadas por tratar-se de uma época de união entre todos os reinos regidos sob o comando da coroa, e poucos conheciam ou ainda se aventuravam por esses caminhos. Todos esses túneis estavam situados próximo aos aposentos reais, consequentemente, de uso extremamente proibido sem uma autorização real.

A filha mais velha do Rei estava em um dos túneis próximo aos seus próprios aposentos. Ela sabia que aquele corredor não terminaria em uma saída, mas em uma das salas secretas que, no momento, não serviria para confundir nenhum inimigo. A última coisa que ela gostaria era que alguém encontrasse aquela sala em particular. Lavínia tinha absoluta certeza de que apenas ela conhecia aquele lugar. Ela e mais alguém de muita confiança.

Ao avistar a porta no fim do corredor, conseguiu distinguir uma silhueta impedindo a entrada, mas aquilo não seria um empecilho. Um sorriso surgiu no canto dos lábios da princesa ao identificar quem estava lhe esperando.

– Bem na hora, Diogo – disse a princesa ao chegar à porta.

– Sabe que sempre que me chamar estarei ao seu lado, minha princesa – respondeu o homem curvando-se humildemente perante sua soberana.

Lavínia tentava entender como ele podia agir como um louco e atender a todos os seus caprichos. Seja o que fosse que ela precisasse ou desejasse, ele sempre estava pronto a ajudá-la a alcançar seus objetivos. Diogo era um homem muito bonito e, acima de tudo, um dos Guardas Reais, o maior privilégio que um homem que não possuía sangue nobre poderia alcançar. Os Guardas Reais eram a força e a ordem do Rei, garantindo que a paz se manteria por muitos anos. Diogo era considerado um prodígio entre eles. Alto, rápido e inteligente, conseguiu em poucos anos ter acesso direto ao Palácio Real e poderia escoltar diretamente o próprio Rei, mas sua escolha foi seguir a filha mais velha, mesmo sabendo que seus verdadeiros sentimentos nunca seriam correspondidos. Lavínia sempre soube exatamente como conseguir com que ele fizesse o que quer que fosse. E a qualquer preço.

– Às vezes penso que só você está realmente sempre ao meu lado, Diogo. – Ela segurou uma de suas mãos, olhando fixamente para os seus olhos. – Eu não posso contar com mais ninguém aqui.

– O que está dizendo, minha princesa? – Diogo emocionou-se com a demonstração de carinho da possível herdeira do trono. – A senhorita é muito amada pela sua irmã, pelo seu pai e, é claro, por todos os seus súditos.

Diogo apertou a mão de Lavínia e aproximou-se lentamente. Ao contrário do que teria imaginado, ela não se afastou. Na mente dele, aquele gesto poderia demonstrar que talvez ela estivesse dando uma nova chance ao seu coração, e ele não perderia essa oportunidade. Na mente dela, aquele momento era necessário, pois o que ela queria que ele fizesse era mais do que já havia feito em qualquer situação, e os riscos eram incalculáveis.

– Você está certo em dizer que meu povo e meus súditos me amam, mas eu não acho que meu pai me ame. – Ela propositadamente não citou o nome da irmã. Diogo entendeu imediatamente e não a questionou.

– Por que diz isso sobre o nosso Rei?

– Sou a filha mais velha. Eu deveria ser a sucessora do trono sem nenhuma dúvida de meu pai, mas em vez disso Sara é obviamente a sua escolha. – A serenidade que Lavínia demonstrara ao chegar estava se esvaindo aos poucos, e seus olhos já começavam a brilhar. – Acha que se meu pai me amasse ele não me daria o direito à coroa, sabendo o quanto eu desejo isso?

Diogo sentia o coração apertar cada vez que via lágrimas escorrerem dos olhos de sua amada princesa. Ela merecia o trono mais do que qualquer pessoa se aquilo a fizesse feliz. Ele faria de

tudo para ver o sorriso radiante em seus lábios. Se ele pudesse, arrancaria a coroa da cabeça do Rei com suas próprias mãos, se aquilo fizesse de sua princesa a Rainha.

– Se eu pudesse fazer alguma coisa, minha princesa, qualquer coisa que acabasse com esse seu sofrimento, eu faria.

Mesmo com os olhos lacrimejantes, Lavínia não desviou, por nenhum momento, o olhar do de Diogo. Ela sabia que ele nunca a trairia, mas tinha medo. Se ele não tivesse coragem e revelasse a verdade, ela não seria Rainha e nunca seria mais nada naquele Reino. Seu próprio pai cuidaria para que a sua punição fosse a mais severa.

– Você sabe, Diogo – disse Lavínia novamente, tentando aparentar tranquilidade, secando as lágrimas, mas mantendo uma das mãos unida às do homem à sua frente. – Na noite de lua cheia, se meu pai nomear Sara Rainha, aconteça o que acontecer, eu nunca poderei assumir o trono de Panlásia. Sara será a Rainha da Cidade Mãe e eu serei só mais um membro da família real para sempre.

– Minha princesa acha que tem alguma chance de seu pai não escolher Sara como rainha, ou então não fazer o anúncio na noite de lua cheia?

– Eu tenho certeza que meu pai escolherá Sara como Rainha – ela respondeu em tom definitivo.

– Então, o que nós podemos fazer? Diga, minha princesa, eu farei tudo por você.

Lavínia sorriu pela segunda vez para Diogo naquele corredor. Aquele era o momento, ela sabia disso. Tudo deveria ser rápido e preciso, não poderia haver falhas. E, se houvesse, ela não poderia estar envolvida.

– A única maneira de Sara não ser coroada Rainha – disse Lavínia cautelosamente – é se meu pai não fizer o anúncio na noite lua cheia.

– Então, se o Rei não nomear sua sucessora até a lua cheia, ele não poderá mais fazê-lo? – perguntou Diogo, esperançoso.

– É claro que ele poderá nomear o seu sucessor quando ele quiser. Ele é o Rei da Cidade Mãe. Não existe nada que não possa fazer. – Lavínia respirou fundo para se controlar, não queria demonstrar sua irritação.

– Não estou entendendo, minha princesa. O que podemos fazer?

– Se meu pai não fizer o anúncio – disse Lavínia com calma, quase pausadamente, para que Diogo absorvesse cada palavra – como filha mais velha, eu serei coroada Rainha, e nada, nem ninguém, nem minha irmãzinha, poderá me impedir de assumir o trono e usar a coroa de meu pai. Mas para isso acontecer, ele não pode fazer esse anúncio, nem na próxima lua cheia, nem nunca mais.

– Minha princesa... – começou Diogo. Lavínia percebeu o assombro em seu rosto ao começar a entender suas palavras.

– Me chame de Lavínia. Não precisa me chamar de princesa – disse segurando mais firmemente suas mãos e aproximando-se quase que intimamente de seu mais fiel súdito. – Acho que entre nós já podemos acabar com esses títulos, afinal, somos tão próximos, Diogo, e podemos ser ainda mais quando eu for coroada Rainha.

Lavínia esperou que Diogo esboçasse alguma reação perante suas palavras. Ela sabia que ele havia compreendido cada palavra dita, e também as não ditas. Seu coração palpitava

de nervosismo, porém, ela sempre fora muito habilidosa em esconder suas emoções e, enquanto esperava uma resposta de seu mais fiel soldado, aparentava uma calma e tranquilidade que realmente não sentia. Seu futuro seria decidido naquele momento, e o único em quem ela poderia confiar para alcançar seus objetivos era o homem que segurava suas mãos.

Diogo parecia travar uma luta interna. O que a sua princesa lhe pedia era a maior atrocidade que alguém poderia cometer contra o Reino. Se ele fosse descoberto, não iria somente ser exilado para a Cidade da Traição. Ele iria receber o pior castigo a que um homem poderia ser condenado. Seus crimes estariam sendo pagos dia após dia, por toda a eternidade. Mas, se tudo corresse bem, sua princesa seria coroada Rainha e ele seria aquele que esteve sempre ao seu lado. Ele seria o homem que fez o que nenhum outro faria. E, com certeza, Lavínia saberia que nem "ele" teria feito tanto por ela.

– O que me diz, Diogo? – disse Lavínia com a voz firme, porém suas mãos quase imperceptivelmente estremeceram.

– Eu farei de você nossa Rainha, Lavínia. Custe o que custar. Eu lhe prometo.

Diogo ajoelhou-se diante de Lavínia e beijou cada uma de suas mãos delicadamente. Ela não esboçou nenhuma reação, tampouco parecia ter percebido o gesto de seu súdito. Olhando em direção à porta, um sorriso surgiu em seu rosto. Diogo levantou-se e Lavínia recuperou-se de seu transe. Ela lhe sorriu carinhosamente e ele seguiu de volta pelo corredor, em direção ao centro do Palácio. Lavínia o acompanhou com o olhar até ele desaparecer completamente. Nesse instante, virou-se para a porta e a tocou delicadamente.

– Agora falta pouco, meu amor – disse carinhosamente, com os lábios quase beijando o frio metal. – Em breve, eu serei Rainha e nesse dia eu farei de tudo para ter você de volta para mim.

Afastou-se da porta e, por um momento, encarou-a firmemente, como se olhasse para alguém. Afastou-se ainda mais e seguiu pela mesma direção que seu servo tomara, com o coração repleto de ansiedade.

CAPÍTULO 2

O Palácio Real era a construção mais antiga e imponente de toda a Cidade Mãe e de todos os Reinos. Em um dos mais amplos de seus salões, com altas janelas de vitrais e ornamentado com as mais caras e belas fontes de decoração, havia uma longa mesa, onde os mais nobres e ricos habitantes do Reino serviam-se de um requintado desjejum em companhia do mais soberano dos Reis. O Rei de todas as cidades do Reino sentava-se na cabeceira da mesa. Uma mesa requintada, pensada de forma que até durante uma simples refeição o poder do Rei fosse sempre lembrado. O Rei e sua família sentavam-se no alto, em um espaço onde a mesa se elevava, aproximando-os dos céus. Distanciando dos demais membros da comitiva real, aqueles que nasceram para governar todo um Reino. Mesmo estando mais alto que os demais, na cabeceira de uma mesa formada pelas mais importantes mentes de sua nação, a cadeira do Rei era um trono imponente. A mais nobre madeira e o mais puro e requintado cetim vermelho, banhados em fios de ouro, emolduravam o Rei de uma forma quase celestial.

Os Regentes de todas as Cidades Irmãs estavam presentes

no palácio para o tão aguardado evento que aconteceria durante a noite de lua cheia. Nessa noite, a mais importante de todas as decisões de um Reino seria tomada e nenhum daqueles soberanos perderia a oportunidade de estar presente, para serem lembrados quando a coroa fosse passada ao próximo governante.

O Grande Rei e suas filhas sentavam-se soberanos, acima de todos os outros naquele recinto, assim como sua posição no Reino exigia, mas, para a curiosidade de alguns e repugnância da filha mais velha, quem ocupava o lado direito do Rei era sua filha mais nova.

Os regentes das Cidades Irmãs, em respeito à família real ali reunida, não se dirigiam diretamente ao Grande Rei e suas filhas sem um chamado direto de seu soberano. Eles conversavam entre si sobre os maravilhosos progressos de suas próprias cidades, estando alheios ao clima de tensão presente entre as três pessoas mais importantes naquele recinto.

– Por que o senhor não declara de uma vez que Sara será sua sucessora ao trono? – disse a filha sentada do lado esquerdo do Rei, com nada mais que um sussurro, para que os outros soberanos não a ouvissem, por mais que suas palavras estivessem repletas de indignação.

Sua face, geralmente muito clara, estava corada, demonstrando nervosismo, e sua mão tremia levemente ao tentar tirar uma mecha de seus longos cabelos negros que lhe bloqueavam a visão.

– Não fale assim, Lavínia – respondeu o Rei Estevam com severidade, porém com a voz também controlada. – Sabe que me deve respeito, principalmente perante os nobres de nosso Reino, e também sabe que eu ainda não declarei quem me sucederá.

– Desculpe-me, meu senhor – disse Lavínia, tentando

inutilmente aparentar um pouco mais de tranquilidade. – Mas eu sou sua filha mais velha, eu quem deveria assumir o trono depois do senhor, meu pai.

– Assumirá meu trono aquela que for mais digna e tiver mais capacidade de comandar esse Reino – completou o Rei em tom definitivo.

– Mas, meu senhor, eu tenho certeza que posso ser uma boa Rainha para Panlásia. – A filha segurou a mão esquerda do Rei, que olhou para ela carinhosamente.

– Eu tenho certeza de que você seria uma boa Rainha para o nosso povo, mas nós não precisamos de uma boa Rainha, mas de uma ótima Rainha.

Rei Estevam desviou o olhar para sua filha mais nova, que retribuiu com um sorriso carinhoso. Aquele sorriso que por tantas vezes o fazia ter vontade de chorar relembrando o passado. Um sorriso tão belo quanto o de sua falecida esposa Julieta. Sara havia herdado o sorriso caloroso e os olhos claros, como mel adocicado, da mãe, muito diferentes dos olhos negros da irmã. Somente sua pele alva e cabelos negros a marcavam como sua filha.

Ao ver a troca de olhares entre o pai e a irmã, Lavínia soltou vagarosamente a mão do Grande Rei, sem querer parecer rude, mas olhando enjoada para aquela cena.

– Meu senhor – começou Sara, pronunciando-se pela primeira vez aquela manhã. Ela abaixou os olhos por um momento, parecendo tentar encontrar um pouco de coragem, e olhou para o pai. – Eu não me importo que o senhor nomeie minha irmã como Grande Rainha. Nós estaremos juntas, mantendo a paz e a ordem, não importa quem for coroada, não é verdade, minha irmã?

Sara olhou bondosamente para a irmã. Seu olhar seria

interpretado como calmo e gentil por qualquer outra pessoa que estivesse observando aquela cena, mas para Lavínia o olhar da irmã estava carregado de remorso e culpa.

– Claro que sim, minha querida. Nós estaremos sempre juntas. – Lavínia disse as últimas palavras calmamente, como se estivesse tendo uma visão de como aquilo aconteceria, mas no instante seguinte já tinha seus olhos novamente fixos em seu pai, esperando sua opinião.

– Eu realmente espero que aquela que não for escolhida sempre esteja aqui para apoiar a futura Rainha, mas as decisões mais importantes do nosso reino serão somente daquela que usar a minha Coroa, e quem decidirá quem usará essa Coroa, na próxima lua cheia, serei eu. – O Grande Rei Estevam sorriu para as filhas achando graça em seus olhares de preocupação. – Mas não falemos mais deste assunto. Se vocês quiserem se retirar, estejam à vontade, princesas.

Sara e Lavínia levantaram-se e polidamente curvaram-se, agradecendo ao Rei. Ao perceberem a despedida das herdeiras reais, os demais soberanos levantaram-se em respeito, enquanto elas se retiraram do recinto.

CAPÍTULO 3

Sara acompanhou a irmã com o olhar, enquanto ela se afastava do salão após o desjejum. Ela sabia o quanto a irmã desejava ser Rainha e, principalmente, Sara sabia o quanto ela já havia sofrido na vida, o quanto merecia um pouco de felicidade depois de tudo de horrível que lhe aconteceu. Ela tinha esse direito.

– Não se preocupe, minha querida – disse uma voz atrás da Sara, para a qual ela prontamente se virou. – O seu pai é um homem sábio e fará o melhor pelo nosso Reino.

Quando ouviu aquela voz, Sara soube exatamente a quem pertencia. Rosa era, para a maioria das pessoas, apenas mais uma criada no Palácio, mas, para Sara, ela era a única pessoa que vinha em mente quando pensava em alguém que representasse o papel de uma mãe em sua vida. Era sua voz gentil que a fazia adormecer, suas histórias que ouvia e a quem contava todos os seus segredos. Era uma mulher de aparência frágil e gentil, pequena, com um abraço do tamanho do mundo, mas seus cabelos esbranquiçados não descreviam a força e a coragem que ela possuía. Nem o seu enorme coração.

– Eu sei que meu pai sempre fará o que for melhor para todos – disse Sara com a voz tão contida que Rosa teve que se aproximar para ouvir. – Mas o melhor para minha irmã seria que ela fosse coroada Rainha. Ela é a filha mais velha e merece a coroa muito mais do que eu.

– Ser a filha mais velha não torna sua irmã mais justa ou mais sábia do que você, e é exatamente de uma Rainha assim que nós precisamos.

Sara dirigiu-se para uma ampla janela no corredor, em frente ao salão no qual foi servida sua refeição daquela manhã. Era possível observar centenas de pessoas trabalhando na decoração da cidade. Todas elas sorriam e pareciam se divertir imensamente com aquela grande ocasião. Seus corações estavam leves e sem nenhuma preocupação, exatamente o oposto do coração da herdeira mais nova do trono naquele momento.

– Não sou tão justa nem tão sábia assim, e você sabe muito

bem disso. – Sara encarou novamente Rosa e disse muito firmemente. – Vou dizer para o nosso Rei que se ele não coroar Lavínia como futura Rainha eu não aceitarei a coroa. Se ele não quiser que minha irmã seja Rainha, então nós não teremos Rainha alguma para governar Panlásia.

Rosa olhou com preocupação para sua querida princesa. Desde que o pai anunciou que iria declarar sua sucessora, e que sua irmã deixou claro o quanto desejava o trono, Sara começou a demonstrar inquietação. Ela conhecia muito bem os seus motivos e gostaria que eles não interferissem em seu julgamento. Rosa se aproximou de Sara e a abraçou como sempre fazia desde quando ela era apenas um bebê, todas as vezes que se sentia perdida e desamparada. Sara prontamente aceitou o abraço e esperou as sábias palavras que sempre partiam de Rosa nesses momentos.

– Você não pode se culpar eternamente por uma coisa que aconteceu há tanto tempo. Você só está pensando no bem de sua irmã e isso é uma atitude louvável, minha querida, mas como uma Princesa, antes de qualquer coisa, você tem que pensar no bem de seu povo, e você sabe que sua irmã não tem condições de cuidar de nosso Reino.

– Mas eu estarei aqui para ajudá-la – disse Sara desvencilhando-se do abraço, tentando se convencer de que sua escolha era a mais correta. – Ela não precisará cuidar de tudo sozinha.

– Acha mesmo que sua irmã aceitará sua ajuda? – perguntou Rosa carinhosamente. – Acha que ela aceitará ajuda de quem quer que seja? Ela irá governar o nosso Reino como uma tirana. Você sabe muito bem quantas vezes ela já sugeriu para o nosso Rei que ele destronasse todos esses homens que estão nesse salão agora

mesmo e governasse tudo sozinho. Seu pai já é o Grande Rei de toda Kandil e sua filha escolhida será a Grande Rainha, mas mesmo assim sua escolha será subjugar a todos. Como se fosse possível uma única pessoa governar todas as cidades de Kandil. Ela irá apenas conseguir uma guerra contra nossas Cidades Irmãs, e a Cidade Mãe cairá graças aos seus caprichos. Você tem que ser a próxima Rainha, pelo bem de todos nós.

Sara suspirou cansadamente, mas balançou a cabeça resignada.

– Você tem toda razão, Rosa. Mas eu sofro tanto pela minha irmã. Gostaria que realmente nós pudéssemos governar juntas o Reino. Não sei por que nosso pai tem que fazer esse anúncio tão cedo, ele ainda tem tantos anos pela frente. – Sara fez uma pausa para ordenar os pensamentos e recuperar as forças. – Mas eu concordo com você, não falarei nada com meu pai. Deixarei a decisão nas mãos dele.

– Isso mesmo, minha querida. É o melhor a se fazer.

CAPÍTULO 4

Pelas altas janelas de um dos salões do Palácio, era possível ver a lua em seu pedestal flutuante, brilhando, quase completamente cheia, iluminando mais alegremente que o sol a noite que faltava para o grande dia de Kandil. Havia tantas estrelas no céu que parecia que todos, inclusive o universo, comemoravam aquele que seria o maior acontecimento em muitos anos. Todos no Palácio, e na cidade que o circundava, já dormiam com a paz

que lhes era merecida, imensamente ansiosos e felizes com o dia que se seguiria. Em uma dessas janelas estava o único homem que deveria estar acordado àquela hora, e era exatamente para a lua que ele olhava. Ele parecia hipnotizado com sua beleza. Ela o iluminava tão intensamente que parecia estar querendo delatar o ato frio e cruel que ele cometeria.

"Eu faço isso pela minha querida Princesa e somente por ela", pensava Diogo, tomando coragem para terminar a tarefa para a qual havia sido designado. "Quando tudo isso acabar, ela será a Rainha mais bondosa e linda que Kandil jamais imaginou ter. Ninguém se lembrará do nosso Rei ou de Sara, porque serão tão felizes que irão idolatrá-la. E serei eu que estarei ao lado dela. Somente eu".

Diogo abaixou os olhos e caminhou silenciosamente em direção à enorme cozinha do Palácio. Devido aos tempos de paz e amizade entre todas as Cidades Irmãs, os soldados há muitos anos não patrulhavam o Palácio à noite, com isso Diogo pôde chegar ao seu objetivo sem nenhum empecilho.

Não havia nenhum criado na cozinha, todos já haviam ido dormir, mas algumas coisas eram deixadas separadas para o desjejum do dia seguinte não ser atrasado. Em Kandil, a rotina era seguida à risca e todos se orgulhavam disso. Em uma das mesas da cozinha havia uma bela bandeja dourada. Era uma peça muito grande pelos poucos utensílios que nela jaziam, apenas um jarro e uma grande taça ornamentada. Os dois eram feitos de um material muito espesso que brilhava intensamente. Diogo levantou a taça com muita facilidade, apesar de aparentar ser feita de um material bem sólido. Era belíssima e feita com uma das melhores

tecnologias oriundas das antiguidades do Reino. Só o grande Rei poderia beber naquela taça, e essa tradição seria de grande utilidade nesse momento.

Com a taça em mãos, Diogo ficou algum tempo tenso, sem esboçar nenhuma reação, sabendo que aquele seria o ato mais importante de sua vida. Sua Princesa Lavínia havia lhe confiado essa tarefa. Era a ele que ela recorria quando mais precisava de auxílio, e seria a ele que ela viria novamente quando se tornasse Rainha.

Foi com esses pensamentos que Diogo retirou um recipiente, quase do tamanho de um botão, de uma pulseira dourada presa em seu pulso. Grossa, resistente e poderosa, essa pulseira era o orgulho de todos os Guardas do Palácio, pois, mesmo quando estavam sem seu uniforme, era ela que simbolizava a importância daqueles homens, que eles ocupavam um cargo que lhes deixavam próximos ao mais importante dos homens de todo o Reino.

Com o botão em mãos, a taça foi novamente colocada no seu lugar de origem. Quem chegasse para trabalhar pela manhã nem desconfiaria que a peça foi removida em algum momento. Cuidadosamente ele abriu o recipiente. Com muito esforço, era possível ver apenas uma pequena gota de um líquido completamente transparente. Diogo deixou a gota pingar na taça, que, em questão de segundos, desapareceu em seu fundo como se nunca tivesse estado ali.

Com um último olhar para a bandeja, Diogo virou-se e saiu caminhando em direção à saída, sem nem ao menos uma única vez olhar para trás.

CAPÍTULO 5

A felicidade dos habitantes da Cidade Mãe era tão grande e verdadeira que aquela manhã parecia ser a mais bela já vista em Panlásia. Todos acordaram muito cedo e bem-dispostos para os últimos preparativos do grande evento daquela noite. Um evento único, que só seria visto novamente dali há muitos anos. Quando a lua aparecesse no céu, a nova Rainha seria declarada, aquela que sucederia o Rei quando o tempo dele nesse mundo acabasse e ele fosse honradamente encontrar seus ancestrais, após anos desempenhando o dever real em prol de seu povo. A continuação da era de paz e harmonia para todos os seus súditos seria selada para muitos anos além.

Dentro do Palácio, todos estavam atarefados com suas atribuições rotineiras, além das especiais para aquele dia, mas a organização era perfeita. O desjejum estava sendo preparado com esmero para receber novamente todos os regentes das Cidades Irmãs, além do Grande Rei e suas filhas, para a última refeição conjunta de todos os soberanos antes do início das festividades.

Havia uma antiga tradição em Panlásia que dizia que o Grande Rei tem que começar suas manhãs revigorando as energias para transmitir força para todo o Reino. As mulheres, que são as semeadoras de toda a vida do planeta, têm o dever de levar aos aposentos reais a força para mais um dia de reinado. Como sua esposa há muitos anos havia falecido, Rei Estevam recebia a taça da renovação todas as manhãs de uma de suas filhas, atualmente as únicas duas mulheres representantes da casa Real. Lavínia raramente participava deste ritual, então Sara se encarregava desses ofícios, exatamente como aquela manhã.

Sara caminhava pelos corredores dos aposentos reais segurando uma enorme bandeja nas mãos, mas com desenvoltura e graciosidade. Apenas o tamanho em si a atrapalhava, seu peso era irrelevante. Todos os dias cumpria essa tarefa com um enorme sorriso no rosto, mas esse dia em particular a estava deixando extremamente aflita. Havia passado toda a noite revirando-se em meio aos lençóis sem conseguir dormir um minuto sequer. Estava exausta, mas mesmo assim muito preocupada com o desfecho daquela noite.

Ao chegar em frente à porta do mais importante dos aposentos reais, Sara parou um instante, hesitando. Seu pai a conhecia muito bem e ficaria preocupado se notasse a expressão tensa de seu rosto. Tentando mostrar uma felicidade que não sentia e colocando um leve sorriso no rosto, Sara bateu levemente na porta e adentrou o quarto.

– Com a sua licença, meu senhor – disse Sara ao cruzar a porta e entrar no quarto. – Bom dia, meu pai.

Rei Estevam estava sentado em uma confortável poltrona no centro do quarto real. Aquele era o cômodo de visitas íntimas do Rei. O maior quarto do Palácio Real era formado por cinco aposentos dos quais suas filhas só conheciam aquele. Não era permitido a ninguém entrar nos aposentos mais íntimos do grande soberano. Os poucos que ali entravam, para fazerem os seus serviços, passavam anos trabalhando apenas nesse local, e ao se aposentarem confiavam diretamente a outra pessoa as mesmas tarefas.

Um sorriso surgiu na face do Rei ao ver sua filha mais nova entrando no quarto. Lavínia raramente participava dessa cerimônia, e ele sabia que hoje seria o último dia que ela gostaria de fazê-lo. Rei Estevam tinha um amor incalculável pelas suas

duas filhas, sabia o quanto Lavínia sofreria com sua decisão, e ele nunca gostaria de vê-la sofrer, mas, como Rei, era o seu dever pensar primeiro no que era melhor para o seu Reino, para continuar com tudo aquilo que seus antepassados haviam construído com tanto esforço. Estevam conhecia suas filhas bem o suficiente para saber quem seria realmente a melhor escolha para Panlásia.

Sara ajoelhou-se diante do pai, como mandava a tradição, e colocou a bandeja em uma mesa ao lado da poltrona em que ele estava sentado.

– Como está, minha querida? Ansiosa para ver a lua cheia brilhar no céu?

Sara pegou a grande jarra e despejou uma generosa quantidade na taça. Seu conteúdo era um líquido transparente, grosso e levemente brilhante. A aparência daquela bebida era magnífica e seu gosto era definido por muitos na Cidade como uma obra prima.

– Todos estamos, papai. O dia de hoje será muito especial.

Sara entregou a taça cuidadosamente para o pai, sem encará-lo, e abaixou o rosto. Rei Estevam segurou a taça, mas não bebeu o seu conteúdo, por mais que ansiasse sentir o gosto do líquido em seu interior. Ele olhou para a filha com preocupação.

– Eu perguntei se você está feliz, minha filha. – O grande Rei colocou a taça de volta na bandeja e segurou o rosto da filha com as mãos para que ela o olhasse diretamente. – Não quer contar para o seu pai por que está tão infeliz?

Sara ouviu a pergunta e sentiu as lágrimas tentando chegar aos seus olhos. Com muito esforço conseguiu contê-las, apenas para não preocupar o pai. Ela segurou suas mãos, beijou-as e depois deitou a cabeça em seu colo.

– Eu só estou preocupada, meu pai. A noite de hoje mudará as nossas vidas e eu não consegui dormir direito, é só isso.

Rei Estevam acariciou os cabelos da filha mais nova, pensando o quanto ela era madura e responsável para a sua idade. Com apenas vinte anos ele ainda nem sonhava em tornar-se o Rei que era atualmente. Apenas 15 anos depois, quando sua mãe morreu, ele veio a se tornar o Grande Rei. Ele não faria aquilo com ela se não tivesse certeza que ainda havia muitos anos para que Sara efetivamente assumisse o controle de todas as Cidades do Reino de Kandil. Ele sabia que ela ainda teria muitos anos para aproveitar a vida antes de assumir tamanha responsabilidade, uma responsabilidade que ela sequer poderia começar a imaginar. Mas ele tinha certeza que, até esse dia chegar, Lavínia se conformaria em não ser Rainha, e ajudaria a irmã a tomar conta das Cidades Irmãs.

– Nada mudará, minha querida. Farei esse anúncio, mas quando você acordar amanhã verá que nada mudou e que estava se preocupando à toa. Você verá que ainda levará muitos anos para que esse velho aqui deixe essa coroa.

Sara, pela primeira vez naquela manhã, mostrou ao pai um sorriso verdadeiro. Ele tinha razão, tudo continuaria como antes e seu pai ainda estaria durante muitos anos à frente da Cidade Mãe. Estevam, satisfeito com o sorriso da filha, pegou novamente a taça e a levou aos lábios. Sentiu o sabor adocicado e fresco que aquela bebida lhe proporcionava. Suas manhãs eram realmente regeneradoras com aquela obra-prima. Após terminar a taça ele abaixou os olhos para a filha e viu seu belo sorriso mais uma vez. Aquela imagem parecia paralisada à sua frente. Ela não se mexia e não esboçava nenhuma reação. Era como uma foto de um belo

sorriso, de uma bela lembrança, que Rei Estevam enxergaria por toda a eternidade.

CAPÍTULO 6

Um longo suspiro de seu pai foi tudo o que Sara ouviu antes de acompanhar com o olhar a taça que rolava vazia para o chão. Rapidamente, esticou um pouco o braço para alcançar a taça e, com um sorriso ainda estampado na face, olhou para o pai esperando ver em seu rosto um sorriso infantil pelo descuido, contudo, tudo o que ela viu foi um olhar vazio e distante, encarando-a quase com perplexidade.

A taça novamente foi de encontro ao chão, como da primeira vez, sem fazer o mínimo barulho, mas desta vez ninguém se preocupou em recolher o item real. Sara ajoelhou-se, totalmente ereta, diante do pai para conseguir visualizar-lhe melhor o rosto. Nenhum movimento era percebido, nem um mínimo oscilar da respiração. Os olhos abertos pareciam ter parado no tempo, sem piscar ou tremer por nenhum instante. Rei Estevam parecia tanto uma estátua de pedra que sua filha teve receio de tocá-lo e descobrir que, na verdade, seu querido pai nunca estivera ali. Sara ergueu levemente uma das mãos e percebeu-a extremamente trêmula. Ignorando esse fato, e todos os pensamentos ruins que passaram-lhe pela cabeça, ela encostou levemente no rosto de seu pai.

– Pai – sussurrou, aplicando um pouco mais de pressão no rosto do Rei, esperando por alguma reação.

O rosto inerte tombou para o encosto da cadeira sem nenhuma resistência. Sara abruptamente retirou a mão e levou-a à boca tentando reprimir o pavor que tomava conta de seu corpo. Lágrimas começaram a vir-lhe aos olhos, sem que ela conseguisse detê-las. A Princesa levantou-se com dificuldade e percebeu que cada célula de seu corpo parecia tremer descontroladamente. Seu pai, visto do alto, parecia apenas um boneco inanimado, com a cabeça em uma posição que seria extremamente desconfortável para qualquer pessoa, mas assustadora para quem olhasse. Sara, cuidadosamente, segurou-lhe a cabeça e a encostou em uma pequena almofada.

Ela se assustou ao ouvir o som dos fogos de artifício que marcavam o início de todas as celebrações que ocorreriam aquele dia, até o grande anúncio, quando a lua surgisse. Ela olhou para o pai novamente e percebeu que estava perdendo tempo. Sem mais nenhuma distração, e com as lágrimas atrapalhando-lhe levemente a visão, a Princesa saiu rapidamente do quarto e correu em direção à saída dos aposentos reais. Sara sabia que, com centenas de pessoas trabalhando no Palácio e com a distância dos aposentos reais, principalmente a do quarto de seu pai, ninguém lhe ouviria, por mais que gritasse, até que estivesse perto o suficiente.

A filha mais nova do Rei avistou a escada principal que a levaria para perto das áreas transitáveis do Palácio, onde várias pessoas estariam, e onde ela poderia começar a gritar por ajuda. Sara começou a correr em direção à escada, tropeçando algumas vezes em seu longo vestido e por causa da visão enevoada pelas lágrimas. Ao alcançar a escada, Sara sentiu uma pontada de alívio. Ela iria pedir ajuda, seu pai iria ficar bem, porque ele

havia lhe prometido que tudo ficaria bem, que nada iria mudar, e ele sempre cumpria suas promessas.

Na metade da escadaria, Sara já podia avistar algumas pessoas. Ao abrir a boca para tentar pedir ajuda, ela se desconcentrou em sua corrida pela escada e seu passo acabou sendo maior do que deveria. Ao ver a escada aproximando-se de seu rosto, Sara fechou os olhos e esperou pela dor.

CAPÍTULO 7

Sara estava correndo pelos corredores tão familiares do Palácio. Ela se sentia alegre e feliz porque, depois de muitos dias nublados, o sol finalmente resolveu surgir, e ela poderia brincar nos grandes jardins que circundavam seu lar. Sua irmã estava tendo aulas de piano com um severo professor, do qual Sara tinha medo da voz rude, e não podia sair para ver o dia brilhando. A pequena Princesa corria despreocupadamente, mas ansiosa para terminar aquele imenso corredor e chegar à grande escada principal.

Rosa corria, sem fôlego, atrás de Sara. Ela devia recriminar a Princesa por correr dentro do Palácio, mas não conseguia ao ver o sorriso de felicidade que a pequena tinha em seu rosto. Ao vê-la alcançar a escada, porém, receou pelo que pudesse acontecer.

– Sara – chamou Rosa calmamente. – Espere.

A criança virou-se ansiosa e, mesmo sem sair do lugar, não conseguia se manter parada, jogando o peso de seu corpo de um pé para o outro.

– Vamos logo, Rosa, você é muito lenta – disse a Princesa, emburrando levemente o rosto.

– Eu não tenho sua disposição, minha Princesa – respondeu Rosa, rindo, chegando próximo a Sara e parando para tomar fôlego. – Você pode ir na frente, mas não corra na escada e não esqueça de se segurar no corrimão. Você não quer sofrer um acidente e não poder brincar lá fora, não é?

Sara não respondeu à pergunta e, apesar de sua contrariedade em ser barrada no meio da brincadeira, virou-se para continuar seu caminho com muita cautela. Ela demorou muito mais do que o necessário para descer toda a escada, e dessa vez Rosa conseguiu acompanhar a menina. Após terminar o último degrau, Sara olhou para Rosa e sorriu de uma maneira levemente travessa. Rosa balançou a cabeça para a Princesa, que começou novamente a correr radiante em direção aos portões do Palácio, ouvindo a risada alegre de Rosa se afastando.

Sara abriu os olhos e se arrependeu imediatamente. Mesmo estando completamente parada, sua cabeça parecia que ia explodir, então ela resolveu não tentar nem o mais leve movimento. Fechou novamente os olhos e tentou se lembrar do que estava acontecendo. A última coisa que se lembrava era de estar caindo e rolando ao longo da enorme escada do Palácio. Tantas vezes Rosa havia lhe alertado quando criança para não correr na escada, e ela nunca havia caído. Era irônico isso acontecer com ela agora, uma mulher adulta. Sara ia dar um leve sorriso com essa constatação quando se lembrou do motivo pelo qual ela estava correndo na escada. Ela estava indo pedir ajuda para o seu amado pai.

Os olhos da Princesa mais nova se arregalaram e desta vez ela ignorou a dor e sentou-se rapidamente na cama. Percebendo que estava em seu próprio quarto, não parou para pensar quem a trouxera até ali. A única coisa que importava era pedir ajuda.

– Deite-se querida, é melhor você não se esforçar – disse uma voz sussurrada de um dos cantos do quarto.

Sara olhou na direção de onde veio a voz. Rosa estava em uma das janelas de seu quarto, olhando para fora. A Princesa percebeu que já estava escuro. A lua brilhava majestosamente em seu máximo esplendor.

– Já anoiteceu? – Sara levantou-se e caminhou em direção a Rosa. – Quanto tempo eu fiquei dormindo? Eu preciso ir buscar ajuda, meu pai não está bem, Rosa, nós temos que chamar alguém.

Rosa continuou olhando para fora do Palácio. Sara estranhou sua reação e seu corpo começou a tremer novamente. Ela chegou bem perto da mulher encostada à janela, temendo o que ela pudesse dizer.

– Rosa? – chamou Sara com a voz baixa e rouca.

Ela virou-se para Sara e a Princesa pôde ver seus olhos brilharem, intensamente vermelhos. Sara não precisava de nenhuma palavra. Ela começou a caminhar devagar e cambaleante em direção à porta.

– Não... – Sara sussurrou, sem forças para dizer mais nada.

A Princesa começou a andar mais rapidamente em direção à saída do quarto.

– Não, minha querida, espere, você não pode... – Rosa tentou detê-la, mas ela alcançou a porta sem ouvir os seus protestos.

Sara não podia acreditar que fosse verdade, ela tinha que encontrar seu pai. Ele poderia estar doente, mas todas as pessoas

ficavam doentes, era por isso que eles tinham excelentes médicos. Era por isso que todo o Reino gastava tanto com grandes pesquisas em medicamentos e tecnologias de recuperação. Era impossível que seu pai estivesse com alguma doença totalmente incurável. Ela não podia acreditar que aconteceria com o seu pai o mesmo que aconteceu com "ele".

Sara abriu a porta, mas não conseguiu dar nenhum passo para fora do quarto. Dois Guardas do Palácio estavam de prontidão, cada um deles com um bastão luminoso que, juntos, criavam linhas de luzes cintilantes impedindo seu caminho. Sara apenas ouvira falar daqueles dispositivos, nunca havia visto um pessoalmente. Eram armas para conter criminosos, há muito tempo não usadas na Cidade Mãe. Ela se assustou por um momento, mas recuperou-se e voltou ao seu objetivo.

– Mas o que está acontecendo? – disse Sara ao ver que os guardas não esboçavam nenhuma reação de que iriam deixá-la passar. – Deixem-me sair agora!

Os dois guardas encararam-se por um momento e, em seguida, como que ensaiados, dirigiram seus olhares para Sara. Ela, que durante toda sua vida sempre recebeu os olhares mais carinhosos e sinceros de todos que habitavam e trabalhavam naquele Palácio, pela primeira vez recebeu um olhar de puro ódio.

– Você não pode sair – disse um dos guardas sem nenhuma cerimônia, não lhe chamando pelo seu título real. – São ordens da Princesa Lavínia.

Sara sentiu-se ultrajada naquele momento. Ela iria reagir à resposta do guarda quando Rosa, segurando-a de forma carinhosa, mas firme, puxou-a para dentro do quarto.

– Por favor, querida, é melhor você entrar – disse ela fechando a porta, seus olhos ainda lacrimejando.

Sara tinha os olhos completamente secos. Sua raiva e angústia agora a impediam de chorar. Tudo o que ela queria era entender o que estava acontecendo. Rosa levou-a de volta para a cama e sentou-se ao seu lado.

– O que aconteceu com o meu pai, Rosa? O que está acontecendo? – exigiu Sara em um tom grosseiro, que Rosa há muito tempo não a via usar, mas ela não se importou.

– Minha querida – começou Rosa, segurando-lhe as mãos. – Você vai precisar ser forte.

Sara sentiu o coração parar por um momento. "Você vai precisar ser forte". Ela sabia exatamente o que viria depois dessa frase. Ela sabia o que viria logo após ver os olhos sem vida de seu pai não mais lhe fitando, mas ela não queria acreditar.

– Seu pai se foi, meu anjo, para sempre.

Sara sentiu o corpo tremer convulsivamente. Seu estômago revirou-se por um momento, antes que as lágrimas começassem a molhar seu rosto como nunca. Rosa puxou-a para o seu colo e acariciou sua cabeça gentilmente, como muitas vezes havia feito quando sua Princesa era apenas uma menininha. Mas, diferente das outras vezes em que Rosa gentilmente a consolava com um belo sorriso no rosto, ela não conseguia sorrir e não conseguia dizer belas palavras pensando no quanto sua pequena estava sofrendo, e no quanto ela iria sofrer.

Sara levantou-se abruptamente assustando Rosa. Seu rosto estava banhado em lágrimas e expressando um sofrimento incalculável.

– Eu preciso ver o meu pai. Onde ele está, Rosa? Para onde o levaram?

Rosa respirou fundo por um momento e secou suas próprias lágrimas.

– Nós precisamos conversar, Sara. – Sua voz era séria e tensa.

– Não, primeiro eu quero ver meu pai e minha irmã.

Ao ouvir Sara mencionar a filha mais velha do Rei, Rosa levantou-se imediatamente com uma expressão severa no rosto.

– Você não pode sair daqui, Sara. Agora você vai me ouvir!

Sara sentiu a raiva voltar ao ouvir aquelas palavras. Seu pai havia ido embora para sempre, e ela tinha que vê-lo pela última vez. Ela tinha que consolar sua irmã, que devia estar devastada com essa tragédia, e tinha que entender o motivo de tudo aquilo estar acontecendo em sua vida.

– Por que eu não posso sair daqui? O que está havendo?

– Sara – começou Rosa, recompondo-se, tentando novamente usar sua voz gentil. – Seu pai não estava doente. Ele foi envenenado.

A Princesa sentiu sua cabeça rodar por um momento. A dor esquecida pela raiva e pela angústia voltava de uma vez, impedindo-a de pensar. Seu pai havia sido envenenado, então, alguém o havia assassinado.

Rosa, percebendo a cor do rosto de Sara desaparecer e seus olhos começarem a perder o foco, correu antes que ela atingisse o chão. Cambaleante, levou-a até a cama e esperou que melhorasse. Os olhos de Sara estavam tremendamente abertos e seus lábios tremiam levemente.

– Mas quem faria isso, Rosa? – disse Sara em meio aos soluços. – Por que alguém faria isso?

– Eles já sabem quem foi que matou o seu pai. – disse Rosa sem olhar diretamente nos olhos da princesa.

– Sabem? E quem foi? Me diga agora, Rosa. – Sara balançou Rosa pelos ombros desesperadamente.

Rosa olhou diretamente nos olhos de Sara. A filha mais nova do Rei percebeu sua hesitação e sua tristeza ao pronunciar a resposta.

– Foi você, Sara.

Pela segunda vez naquele dia o coração de Sara parou de bater por um instante. Naquele momento, parecia que sua mente estava fora do corpo. Nenhuma dor, nenhum rastro de lágrimas e seu corpo não tremia mais. A única coisa que ela podia sentir, que atestava que estava viva, foi o choque pela resposta.

– O quê? – disse Sara praticamente sem nenhum som.

– Quando o médico atestou que o Rei havia sido envenenado, tudo foi cuidadosamente examinado e eles encontraram a taça do ritual no chão. Os especialistas acharam vestígios de veneno, e todos sabem que foi você que levou a taça para o seu pai.

– Mas, Rosa... – Sara começou, sem conseguir ordenar seus pensamentos. Seu querido pai e Rei de todo o Reino estava morto e ela era a culpada. – Isso não é possível, Rosa, eu não sei o que está acontecendo.

– O problema, minha querida, é que você foi encontrada caída na escada, longe dos aposentos reais. Estão dizendo que você estava tentando fugir da cena do crime.

– Quem está dizendo isso, Rosa?

Com a raiva voltando para o seu rosto, Rosa vacilou por um momento antes de responder.

– A sua irmã, a Princesa Lavínia.

Sara não esboçou nenhuma reação. Sua mente parecia trabalhar muito mais rápido do que jamais havia trabalhado. Agora ela compreendia tudo. Ela sabia que havia errado no passado e que um dia sua irmã haveria de cobrar pelos seus erros, mas aquilo era um preço muito mais alto do que ela deveria pagar pelos seus pecados.